



Resenha Los caminos del agua: geografía, naturaleza, sociedad y arte

Janaina Marx e Hernan Espinoza Riera

LA CABINA DE LA CURIOSIDAD. *Los caminos del agua: geografía, naturaleza, sociedad y arte*. Ciudad de México: Arquine, 2023.

Janaina MARX 

Universidad Central del Ecuador, Facultad de Arquitectura y Urbanismo (FAU UCE); jmarx@uce.edu.ec

Hernan ESPINOZA RIERA 

Universidad Central del Ecuador, Facultad de Arquitectura y Urbanismo (FAU UCE); hrespinoza@uce.edu.ec

MARX, Janaina; ESPINOZA RIERA, Resenha Los caminos del agua: geografía, naturaleza, sociedad y arte. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 20, e 593, dez 2025

data de submissão: 03/12/2025

data de aceite: 03/12/2025

DOI: 10.51924/revthesis.2025.v10.593

Contribuição de autoria: Concepção; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: MARX, J.; ESPINOZA RIERA, H.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Não possui.

Uso de I.A.: Revisão ortográfica do texto. ChatGPT.

Editores responsáveis: Ana Claudia Cardoso e Isis Pitanga





Fonte: Cabina de la Curiosidad
(2025)

O livro *Los caminos del agua*, escrito e ilustrado pelo coletivo equatoriano La Cabina de la Curiosidad, formado pelos arquitetos Daniel Moreno e Marie Combette e publicado pela editora mexicana Arquine, constitui um aporte significativo à bibliografia latino-americana que articula território e sociedade. A obra é um convite à reflexão sobre os processos de urbanização e de ocupação do território, destacando a natureza não apenas como cenário, mas como uma entidade com direitos próprios, capaz de conviver em equilíbrio com as pessoas.

O livro é um projeto que nasceu a partir de uma série de caminhadas que buscavam reconhecer os cursos d'água em diversos territórios. Os trajetos, realizados em companhia de arquitetos, artistas, cientistas, estudantes, músicos e cidadãos, buscavam revelar as riquezas e as dificuldades da água, principalmente no ambiente urbano, convertendo-se em uma experiência coletiva de observação e escuta do lugar. A partir dessa experiência nasceu a curiosidade: o desejo de reconhecer e compreender o território desde a complexidade. Assim, a obra foi se construindo a partir da reflexão sobre o lugar que ocupamos e sobre as múltiplas relações que nos conectam às formas e di-

nâmicas do território, revelando a particularidade e a complexidade dessas interdependências.

A originalidade do livro se manifesta, antes de tudo, em seu formato físico, que rompe com uma estrutura convencional: composta por vinte e nove painéis dobráveis, que, quando totalmente abertos, alcançam mais de seis metros de extensão. Essa materialidade já anuncia uma proposta metodológica: pensar o território como uma continuidade viva e fluida, atravessada por rios, quebradas e bacias hidrográficas que conectam o continental ao regional e o regional ao local, e não como uma sucessão fragmentada de paisagens. Esse formato permite uma leitura não linear, semelhante ao gesto de percorrer um mapa ou acompanhar o curso de um rio. A materialidade inovadora é acompanhada por diversos recursos — mapas cuidadosamente elaborados, desenhos feitos à mão, pesquisas, textos reflexivos e registros de observações de campo — que se entrelaçam para construir uma narrativa visual e conceitual ao mesmo tempo rigorosa e poética.

Longe de se limitar a uma sucessão fragmentada de paisagens, o livro é um convite à travessia: suas ilustrações nos conduzem por uma viagem entre escalas.



Fonte: Cabina de la Curiosidad (2025)

A água é o fio condutor desta narrativa que permite ao leitor transitar entre diferentes dimensões do território, dando lugar a uma leitura contínua e fluida, na qual o micro e o macro, coexistem em permanente interdependência. Cada página nos incita a olhar além do que habitualmente vemos, a perceber o que ignoramos, o que deixamos à margem. Ao entrelaçar o minúsculo e o imenso, o sensível e o estrutural, a obra vai pouco a pouco desvendando os vínculos ocultos entre os fluxos da água e os processos naturais, históricos e culturais que moldam os territórios.

Essa “aventura hídrica”, como a nomeiam os próprios autores, tem início nas grandes bacias hidrográficas latino-americanas e se desdobra até alcançar rios e quebradas — termo utilizado pelos povos andinos para designar pequenos cursos d’água e depressões naturais que se formam nas encostas íngremes de vulcões. Esse movimento demonstra a amplitude geográfica, e, sobretudo, a complexidade multiescalar dos sistemas hídricos.

A obra se configura como um exercício de deslocamento do olhar: um convite a reaprender a ver, pois a multiescalaridade não se revela apenas a partir da dimensão física, mas também das relações socioeconômicas, ambientais e temporais. A construção desses novos olhares passa pelo exercício de reconhecimento de que cada ação humana, seja no tempo ou no espaço, reverbera nos ecossistemas. Dessa forma, o livro nos lembra que o cuidado da água exige um pensamento conectado: desde a qualidade dos rios e aquíferos que abastecem as comunidades até a administração e gestão da água nas cidades. Essa perspectiva é fundamental para a gestão dos recursos hídricos, uma vez que o cuidado e o manejo da água envolvem tanto ações locais quanto decisões coletivas em níveis mais amplos.

Um dos grandes aportes da obra reside em sua capacidade de articular essas múltiplas dimensões, demonstrando, a partir da sensibilidade do desenho, que uma nascente não se limita à sua escala local, mas se projeta para além dela. O curso d’água é, portanto, um recurso gráfico e narrativo que orienta a leitura crítica do território, revelando o papel da água como mediadora das dimensões físicas, sociais e simbólicas. O rio deixa de ser apenas um elemento físico para ser compreendido como um agente que articula paisagens, práticas humanas e símbolos coletivos. Esse olhar transversal questiona as abordagens convencionais do espaço e nos convida a reconhecer as interdependências que sustentam a vida, fomentando uma

reflexão sobre nossa relação com a água e, consequentemente, com os modos de habitar e transformar o território.

A cada página, a relação entre o entorno imediato e dinâmicas mais amplas são reveladas: como os processos de urbanização incidem sobre os ciclos da água e contribuem para intensificar os riscos socioambientais? Essas questões são abordadas a partir do caso de Quito. Ao adentrar as águas urbanas, a obra resgata a memória dos cursos d'água ocultos e invisibilizados pela expansão urbana e os efeitos desse processo que provoca a impermeabilização do solo, a ocupação de áreas frágeis, o aumento dos riscos de enchentes e deslizamentos e as alterações no abastecimento de água. Portanto, ao mesmo tempo que o livro oferece uma experiência estética —pelo traço delicado e pela beleza visual das cartografias— ele provoca a reflexão crítica sobre a maneira como os sistemas hídricos estão presentes na cidade: frequentemente canalizados, soterrados e contaminados.

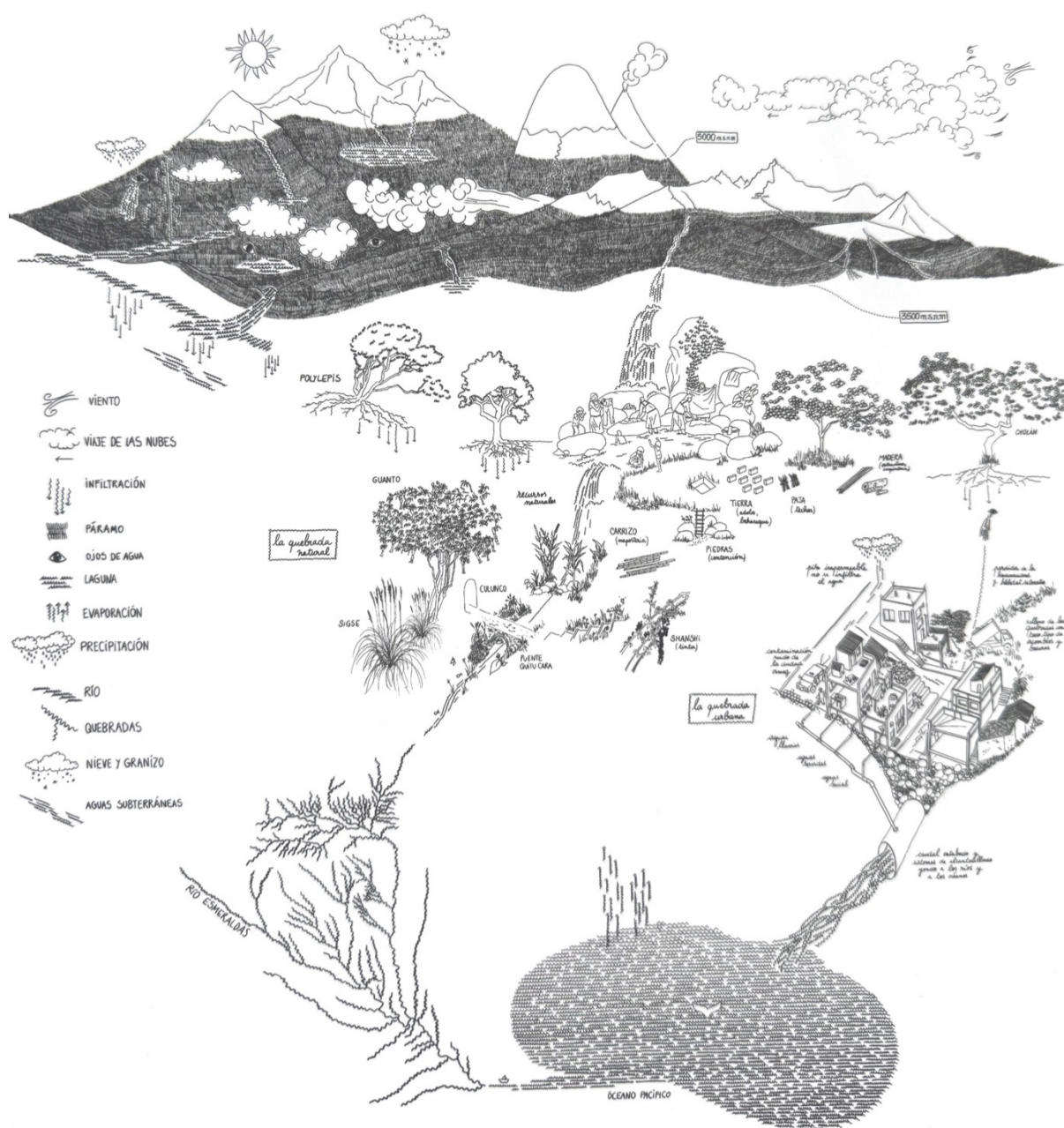
A obra apresenta a água como princípio vital que dá forma e sustento à vida, que articula território e sociedade. Por esse motivo, ela é colocada no centro da narrativa, reafirmando, de maneira simbólica, seu papel como elemento estruturador. Dessa forma, os autores nos convidam gentilmente a dissolver as fronteiras disciplinares dando lugar a uma concepção da água como organismo vivo, capaz de articular dinâmicas ecológicas, sociais e culturais.

As ilustrações revelam não apenas os cursos visíveis dos rios, mas também suas ramificações subterrâneas, simbólicas e culturais, que conectam comunidades em uma vasta teia de interdependências. Neste gesto sutil, a água manifesta-se como uma presença ancestral, que modela os lugares e sustenta os modos de vida que neles florescem. A narrativa leva o leitor ao universo cotidiano das comunidades andinas, onde a água ocupa um lugar simbólico que transcende a condição de simples recurso natural.

No mundo andino, a água é fonte e princípio organizador da vida que configurando o espaço: orienta a implantação dos assentamentos humanos, dos caminhos e das áreas agrícolas. A água garante o abastecimento humano, proporciona a irrigação das terras agrícolas que sustentam os ecossistemas de altitude, sendo um elemento essencial para a segurança alimentar e o equilíbrio ambiental. A água estrutura a vida coletiva a partir de organizações comunitárias, como as juntas de água, que foram criadas, sobre-

tudo nas zonas rurais e periurbanas, para organizar, administrar e manter os sistemas locais de captação, distribuição e conservação da água frente a ausência do serviço público de gestão e abastecimento de água. A partir das juntas de água, as comunidades se organizam coletivamente para estabelecer normas e construir infraestruturas destinadas ao manejo da água, fundamentando suas ações em saberes tradicionais e nos princípios de cooperação, equidade e solidariedade.

Não podemos esquecer do aspecto sagrado e simbólico da água, algo fundamental para as comunidades,



Fonte: Cabina de la Curiosidad (2025)

que acreditam que os rios e lagoas são habitados por deidades e espíritos. A partir de diversos rituais, praticados até hoje, os povos indígenas reafirmam seu vínculo com a água e o território. Assim, a água se revela simultaneamente como vida e cultura nos territórios: uma força que conecta práticas humanas, saberes ancestrais e ecossistemas em uma teia de interdependências que atravessa escalas e gerações.

Dessa forma, o livro nos recorda que habitar um território é também acompanhar seus ritmos e fluxos, seguir o curso das águas para decifrar as conexões sutis que mantêm a vida em equilíbrio. Essa visão propõe uma relação renovada com a natureza, fundada no cuidado e na reciprocidade, em contraste com as lógicas de exploração e domínio que historicamente a submeteram. Nas páginas do livro ressoa a consciência de que humanos e ecossistemas compõem uma mesma rede de interdependências, e que a verdadeira sustentabilidade depende de práticas coletivas capazes de articular dimensões ecológicas, culturais, sociais e éticas.

A partir da reivindicação dos rios como fontes de vida, os autores convocam a construção de novas formas de inteligência coletiva e de coexistência com o planeta. Sob esse olhar, a obra se aproxima dos princípios do *Buen Vivir* — horizonte político e filosófico que, no Equador, foi incorporado à Constituição de 2008. A nova Carta Magna equatoriana apresentou o *Buen Vivir* como um novo paradigma baseado na convivência harmônica entre sociedade e natureza, além disso, reconheceu os direitos da natureza — uma conquista histórica dos movimentos sociais, indígenas e ambientalistas que lutaram contra o avanço do extrativismo e pela defesa dos territórios e das águas. A inclusão dos direitos da natureza na constituição representou uma inflexão política e simbólica profunda: a natureza deixou de ser vista como objeto de exploração para ser reconhecida como sujeito de direitos, dotada da capacidade de existir, persistir e regenerar seus ciclos vitais.

Em sintonia com essa perspectiva, o livro traduz, em linguagem visual e sensível, os princípios do Bem Viver, assumindo uma postura crítica e pedagógica, que convida o leitor a reconhecer a água como elemento que deve ser visibilizado, celebrado e protegido e demonstra a urgência de restituir a centralidade da água nos processos de urbanização. Dessa maneira, a obra assume também um papel político, pois reivindica o de despertar uma consciência ecológica, construída a partir de uma vida em simbiose com a natureza. O de-

senho foi a linguagem escolhida para nos lembrar que habitar o território implica, necessariamente, aprender a viver em harmonia com seus fluxos vitais.

Los caminos del agua é, sem dúvida, um aporte singular ao pensamento sobre o território, ao articular pesquisa, arte, ciência e ecologia em uma mesma narrativa. O livro é uma espécie de ferramenta de luta pacífica, que reivindica os rios como fontes de vida que atravessam os territórios e desperta a consciência sobre nossa relação com os recursos hídricos. Estamos diante de uma obra ao mesmo tempo estética, pedagógica e política: que ao mapear rios, quebradas e bacias hidrográficas, converte essa ação em um manifesto ambiental que convida à reflexão sobre os modos de habitar e organizar o espaço. Trata-se de uma obra de extrema relevância para arquitetos, urbanistas, artistas, educadores e ambientalistas pois oferece uma ferramenta para repensar as relações entre o campo e a cidade e da relação homem-natureza. É uma obra que nos ensina a compreender o território como um organismo integrado e vivo, e que, portanto, habitá-lo requer aprender a viver em simbiose com a natureza e reconhecer a água como fio condutor da vida.

Referências

LA CABINA DE LA CURIOSIDAD. *Los caminos del agua: geografía, naturaleza, sociedad y arte*. Ciudad de México: Arquine, 2023.